

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 3 Setembro - Dezembro 2023

DOSSIE

REBANHOS EM OBJETOS: HISTÓRIAS MATERIAIS DAS RELAÇÕES HUMANO-ANIMAIS NAS ALDEIAS INDÍGENAS NO BRASIL*

Felipe Vander Velden**

RESUMO

Este artigo apresenta um conjunto de artefatos indígenas (divididos em três categorias), que estão relacionados aos animais de rebanho introduzidos com a invasão europeia do Brasil a partir do século XVI. Partindo desses artefatos, potencialmente localizados tanto em contextos arqueológicos como em coleções musealizadas, discute-se várias possibilidades dentro de uma zooarqueologia histórica indireta das relações entre os povos indígenas e os animais exóticos, reconstituindo as fazendas indígenas para além de conjuntos osteológicos por meio de objetos manufaturados associados aos animais. O artigo defende múltiplos potenciais de integração entre pesquisas arqueológicas, antropológicas, históricas, zoológicas e iconográficas para se compreender as trajetórias das relações entre os povos indígenas e o gado nas terras baixas sul-americanas.

Palavras-chave: zooarqueologia; povos indígenas; gado; objetos.

* Este trabalho é fruto do apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por meio do Auxílio Regular de Pesquisa, Processo 2020/05507-0.

** Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: fvander@ufscar.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5684-1250>.

HERDS IN OBJECTS: MATERIAL HISTORIES OF HUMAN-ANIMAL RELATIONSHIPS IN INDIGENOUS VILLAGES IN BRAZIL

ABSTRACT

This article presents a set of indigenous artifacts (divided into three categories) which are related to domesticated animals introduced with the European invasion of Brazil from the 16th century onwards. Starting from these artifacts, potentially located both in archaeological contexts and in museum collections, it discusses many possibilities of an indirect historical zooarchaeology of the interactions between Native peoples and the exotic animals, reconstituting indigenous farms beyond osteological sets by using manufactured objects associated with animals. The article defends multiple potentials of integration between archaeological, anthropological, historical, and iconographic researches to understand the trajectories of the relations between Indigenous peoples and the cattle in lowland South America.

Keywords: zooarchaeology; Indigenous peoples; cattle; objects.

REBAÑOS EN OBJETOS: HISTORIAS MATERIALES DE LAS RELACIONES HUMANO-ANIMALES EN PUEBLOS INDÍGENAS DE BRASIL

RESUMEN

Este artículo presenta un conjunto de artefactos indígenas (divididos en tres categorías), que se relacionan con animales de rebaño introducidos con la invasión europea en Brasil desde el siglo XVI. A partir de estos artefactos, potencialmente ubicados tanto en contextos arqueológicos como en colecciones de museos, se discuten varias posibilidades dentro de una zooarqueología histórica indirecta de las relaciones entre los pueblos indígenas y los animales exóticos que reconstituyan las haciendas indígenas más allá de los conjuntos osteológicos mediante los objetos manufacturados asociados a estos animales. Este texto defiende múltiples potencialidades de integración entre investigaciones arqueológicas, antropológicas, históricas, zoológicas e iconográficas para comprender las trayectorias de las relaciones entre los pueblos indígenas y el ganado en las tierras bajas sudamericanas.

Palabras clave: zooarqueología; pueblos indígenas; ganado; objetos.

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas no Brasil estão às voltas com os grandes animais domesticados originários do Velho Mundo (Eurásia e África), sobretudo aqueles que Jared Diamond (1999) chamou de os cinco *major domesticates* (bois, cavalos, ovelhas, cabras e porcos), mas também burros, mulas, búfalos e outros, desde pelo menos a segunda metade do século XVI, quando os primeiros animais foram aqui introduzidos pelos portugueses e espanhóis na década de 1530 (CAMPORA, 2017). Contudo, sabemos ainda muito pouco dos processos dos primeiros encontros indígenas com aqueles seres adventícios e de sua subsequente adaptação material e simbólica, sua adoção ou recusa e sua eventual multiplicação nas aldeias ao longo da história indígena do país. Dispomos, por assim dizer, da grande narrativa da ocupação econômica e geográfica do território nacional pelo gado ou pelas *frentes* ou *fronteiras de expansão pastoril*, nas quais os povos indígenas figuram tão somente como *vítimas* do boi e das fazendas que avançam inexoravelmente pelos sertões do país, matando caçadores indígenas e exterminando aldeias que ousavam abater esses estranhos seres. Com isso, configurou-se o conhecido *ciclo do gado*, ponto nevrálgico na história territorial do Brasil e que levou a pecuária para virtualmente todos os cantos do país nos dias de hoje (CAPISTRANO DE ABREU, 1988; PRADO JR, 2011; RIBEIRO, 1996).

Entretanto, quase nada conhecemos das histórias indígenas regionais ou locais, ou das etno-histórias singulares das interações entre as sociedades ameríndias nas terras baixas sul-americanas e os animais de rebanho exóticos introduzidos. E, se a história e a antropologia, estudando essa ampla região, têm dedicado alguns esforços para compreender as relações entre os indígenas e o gado, a contribuição da arqueologia ainda tem sido muito limitada (ESSELIN, 2011, p. 377-126; GALVÃO, 1963; MACÊDO, 2006; OLIVEIRA, 2023; PICON, 1999; QUEIROZ *et al.*, 2020; VANDER VELDEN, 2012; VIEIRA, 2007; VIERTLER, 1990). Deve-se, assim, lastimar esse cenário, pois, conforme sugere David Landon (2005), a zooarqueologia histórica [*historical zooarchaeology*] constitui-se como um campo inerentemente interdisciplinar, cujos estudos devem agregar saberes e métodos históricos, antropológicos, arqueológicos, além de outras fontes de dados.

Poucos trabalhos arqueológicos no Brasil analisaram a presença de restos osteológicos bovinos, equinos e de outros animais de criatório em sítios de ocupação indígena. As pesquisas mais conhecidas se desenvolvem desde a década de 1960 nos locais de várias das antigas missões jesuíticas na bacia do Prata (BARCELOS, 2000; SANTOS, 2022, p. 261) e nos aldeamentos que se formaram após a derrocada do espaço missioneiro em fins do século XVIII, como São Nicolau do Rio Pardo (LIMA, 1993, p. 258-259; RIBEIRO, 1985; 1995, p. 33). Esses estudos localizaram grande quantidade de ossos e dentes de bovinos em distintos sítios, além de ferramentas vinculadas à pecuária (esporas, estribos, freios), apontando, como no caso do Vale do Rio Pardo, “um declínio da agricultura como base alimentar em favor de um maior consumo de carne bovina” (LIMA, 1993, p. 258). Essas pesquisas complementam o que se conhece, a partir de fontes históricas, da criação de bois, cavalos e outros animais nas estâncias missionárias, que alcançou números realmente expressivos, chegando a contar em certo momento com mais de 1 milhão de cabeças (GANSO, 2003; SARREAL, 2014). O manejo e a exploração daquele gado estiveram, em larga medida, aos cuidados dos Guarani e outros povos missionarizados (como os vários grupos conhecidos de “Pampeanos”, como os Guenoa-Minuano), isto é, uma autêntica pecuária indígena de escala substancial (PIMENTEL DOS SANTOS, 2022).

Mais recentemente, menciona-se o trabalho de Eduardo Bespalez (2014, p. 206). Em sua tese, o autor faz referência a ossos de bois encontrados junto a outros materiais históricos (louças, vidros, metais e contas) no sítio Tapera do Gino, localizado na terra

indígena Lalima (hoje ocupada pelos povos Guaikuru, Terena, Laiana, Kinikinau e Kadiwéu, além de pequenos contingentes de Guaraní e Bororo), em Miranda, no Mato Grosso do Sul. Esses ossos estão associados às vasilhas de cerâmica dita Guaykuru, também recuperadas do mesmo sítio, e que são, segundo o autor, bastante semelhantes à atual e conhecida cerâmica produzida pelos Kadiwéu na mesma região.¹ É possível que nesse sítio, datado do século XIX, estejam os restos de acampamentos Mbayá-Guaykuru e Guaná, os quais, deslocados do Chaco, tornaram-se criadores de gado “que pastoreavam rebanhos de milhares de cavalos” (SCHMITZ, 1998, p. 216). Os Kadiwéu, atuais descendentes dos Mbayá-Guaykuru, desde pelo menos o final do século XVII, acumulam expressivos rebanhos de bovinos e sobretudo de equinos, desenvolvendo uma rica cultura material associada a esses animais introduzidos pós-contato (BERTELLI, 1987; PRADO, 1839; SOUTHEY, 2010, p. 1486-1487).

Mas, felizmente, nem só de ossos vive a zooarqueologia. Desde o ponto de vista de uma renovada antropologia americanista interessada nos objetos e nas materialidades (FORTIS, 2014; MILLER, 2018; SANTOS-GRANERO, 2009), minhas pesquisas, há algum tempo, têm se debruçado sobre artefatos indígenas relacionados aos animais domesticados de rebanho e ao envolvimento desses povos com a caça, com a criação desses seres nas próprias aldeias ou comunidades, ou com seu papel como trabalhadores (peões, camaradas, boiadeiros, comboieiros, carreiros, retireiros, domadores, curtidores de couro e outros) nas muitas propriedades rurais e nos postos indígenas mantidos primeiro pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e, depois, pela Funai (Fundação Nacional do Índio) (VANDER VELDEN, 2020b, 2020c, 2021). O objetivo deste artigo é apresentar um conjunto representativo de objetos que, por vezes localizados em sítios de ocupação indígena (evidentemente pós-1500) e em coleções musealizadas, podem dar pistas acerca da compreensão mais detalhada da história da difusão do gado e das formas nativas de incorporação desses herbívoros em seus universos materiais e simbólico-semióticos, artísticos e míticos e das técnicas e tecnologias de seu tratamento, adoção, uso ou exploração. Assim, discute-se os objetos que têm o potencial de oferecer ricas imagens que revelam a presença dos animais de rebanho entre os povos originários no Brasil. Por isso, sugere-se a *zooarqueologia histórica indireta*, a qual se ocupa não dos restos dos animais propriamente, mas dos (restos de) objetos relacionados, de algum modo, aos animais introduzidos e potencialmente indicativos da presença, dos usos e dos sentidos materiais e simbólicos desses seres nas comunidades indígenas nas terras baixas da América do Sul. Logo, apresenta-se um panorama das múltiplas possibilidades de pesquisa histórico-arqueológicas interessadas nas materialidades dos encontros entre os povos indígenas e o gado.

Deste modo, não constitui objetivo deste artigo uma análise aprofundada dos casos e exemplos da zooarqueologia histórica indireta sugerida aqui. Não há pretensão de avaliar, com a devida profundidade, toda uma produção bibliográfica de interesse à arqueologia e à etno-história. Trata-se, fundamentalmente, de chamar a atenção para um conjunto de objetos que têm sido geralmente negligenciados nos estudos antropológicos,

¹ Uma feição bastante interessante descrita por Bospalez (2017, p. 130-131) foi detectada em uma escavação de poço-teste, na qual se encontrou um “sedimento escuro fétido” contendo fragmentos cerâmicos, carvões e ossos de boi, interpretados como o “correlato de um churrasco” (com a gordura pingando o chão enquanto a carne era assada), evidenciando o consumo de carne bovina pela comunidade que ocupava o local.

etno-históricos e arqueológicos (uma vez que esses costumam focalizar na fauna neotropical nativa), sustentando que tais artefatos podem ser muito úteis na construção de narrativas do convívio multiespecífico entre humanos e animais pós-1492, uma vez que esses seres outros-que-humanos muito rapidamente se tornaram parte do cotidiano dos assentamentos indígenas (aldeias, aldeamentos, missões) e foram integrados aos universos simbólico-semióticos, técnico-materiais e mítico-rituais dos povos originários de maneiras que ainda infelizmente conhecemos muito pouco.

Tem-se como referência o trabalho pioneiro de Lee Panich (2017), antropólogo estadunidense que vem desvendando as formas da criação bovina e equina e as relações entre animais e *vaqueros indígenas* nas missões espanholas na Califórnia colonial a partir da análise de objetos vinculados às interações com os rebanhos, conservados no registro arqueológico, como esporas, estribos, freios e ornamentos metálicos usados pelos vaqueros indígenas para decoração de selas, rédeas e outros artefatos. Panich acrescenta ao estudo do material arqueológico análises etnográficas, históricas e iconográficas, reconstruindo o que seria a vida em uma *ranchería nativa* na Califórnia do final do século XVIII.² A intenção aqui é inspirar a produção de pesquisas similares para as povoações e comunidades indígenas formadas no Brasil após o aparecimento dos grandes mamíferos domésticos e a introdução — mesmo que modesta — da criação desses animais. Com isso, visa-se estimular trabalhos que venham a caracterizar as múltiplas *fazendas indígenas* — no sentido de contextos de convivência entre comunidades indígenas e os rebanhos exóticos — que se constituíram no transcorrer da história do país, cujas configurações, certamente muito variadas, ainda conhecemos pouco.

ARTEFATOS MULTIESPÉCIES

Para onde podemos olhar na tarefa de realizar uma zooarqueologia social que não dependa (apenas) dos restos faunísticos propriamente ditos? (RUSSELL, 2012) Os artefatos aqui apresentados e discutidos se inserem na categoria *artefatos multiespécies* (VANDER VELDEN, 2022). Trata-se de objetos que fazem referências complexas e diretas ao conjunto de seres outros-que-humanos com os quais as comunidades humanas compartilham o mundo vivido, materializando complexas miríades de redes e relações interespecíficas. Constituem assim um dos muitos aspectos que conformam as relações entre seres humanos e outros-que-humanos, evidências materiais dos encontros corporais e/ou simbólico-semióticos entre uns e outros. Logo, pergunta-se: De que forma tais objetos — sejam confeccionados com corpos e partes de corpos de animais, ou que são criados para permitir certas interações com animais, ou que representam ou presentificam esses mesmos animais — combinam humanos e seres outros-que-humanos, veiculam conhecimentos e conteúdos semiótico-simbólicos sobre esses seres e configuram relações entre eles e/ou permitem analisar e compreender essas mesmas relações?³

O parágrafo anterior menciona os três tipos, ou categorias, de artefatos multiespécies que aqui nos interessam e com os quais se trabalhou mais de perto por funcionarem como as evidências indiretas das relações entre os grupos indígenas e os animais de rebanho, especialmente bois e cavalos. A seguir, serão apresentados um dos três tipos de objetos.

² Ver também a coletânea organizada por Hofman e Keehnen (2019) para outros trabalhos similares em diferentes partes das Américas.

³ Sem esquecer que os próprios artefatos são, eles mesmos, um certo tipo de seres outros-que-humanos agentes ou actantes, assim devendo ser tratados (LATOUR, 2007).

É claro que outras categorias de objetos de natureza similar —elementos dos sistemas de objetos ou das culturas materiais indígenas que encapsulam ou comunicam relações entre os povos originários e o gado adventício — podem ser sugeridas. Uma dessas categorias alternativas seria composta por artefatos produzidos na Europa a partir de matérias-primas locais que foram, depois, apropriadas pelos povos ameríndios, como os chapéus de pele de castor e certas vestimentas e armaduras em couro bovino, todos confeccionados no Velho Mundo e adotados e/ou adaptados por vários povos nativos na América do Norte (FRANÇOZO, 2014, p. 113-114; VAN DE LOGT, 2018, cap. 4). Há outras categoriais que podem agregar artefatos, representando, ou portando, figuras de animais que, embora jamais vistos pelos povos indígenas, sendo conhecidos apenas por suas imagens (pinturas, gravuras, fotografias, publicações), podem ter sido incorporados aos seus inventários materiais. Uma última categoria desses singulares objetos poderia incluir aquelas peças produzidas pelos povos originários sul-americanos atendendo aos gostos europeus (como chapéus, leques, broches e outros adereços de penas e plumas de aves), embora, nesses casos, a maior parte das matérias-primas de origem animal fosse proveniente da fauna nativa, uma vez que o *exotismo* desses seres e de suas coloridas penas e distintas peles eram precisamente o que atraía a atenção de consumidores metropolitanos em lugares distantes (SCHINDLER, 2001). É plausível, afinal, conceber outros tipos ou categorias.

É importante destacar aqui que os objetos que nos interessam na zooarqueologia histórica indireta são artefatos multiespécies e, ao mesmo tempo, igualmente *artefatos interétnicos*. Essas peças nos informam sobre as assim chamadas paisagens humanimais nas aldeias indígenas e fazendas que empregavam trabalhadores indígenas, eles também, por definição (uma vez que tratamos de espécies introduzidas), podem aportar informações sobre as relações entre indígenas e não indígenas em diferentes regiões do Brasil e países vizinhos. Essa qualidade duplamente estrangeira dos artefatos aqui pesquisados — ao mesmo tempo *interétnicos* e *interespecíficos* — também merece reflexão, posto que a conformação das fazendas indígenas (algo próximo ao que Panich [2017] chama de *rancherías indígenas*) deve atentar simultaneamente às interações entre humanos e outros-que-humanos e entre coletivos humanos social e culturalmente diferenciados.

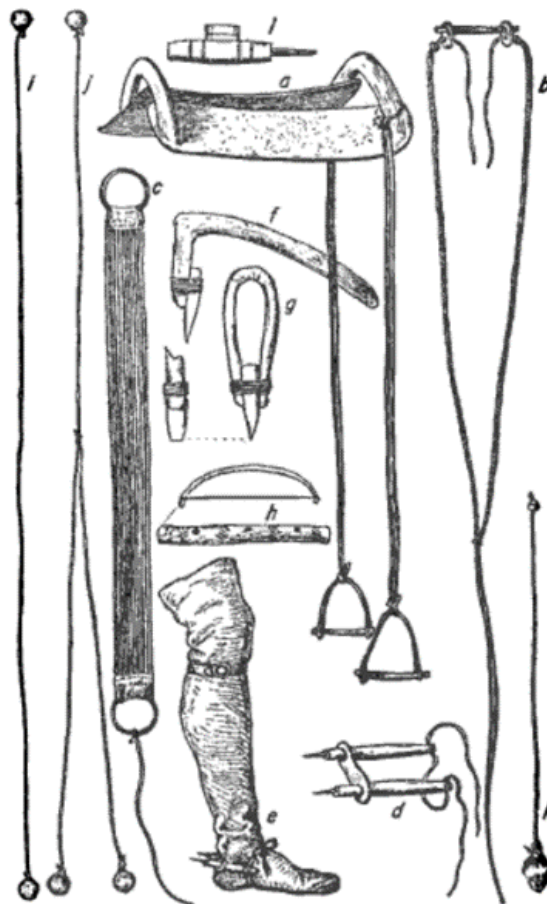
CORPOS EM CONTATO

Os primeiros tipos de objetos se referem aos artefatos empregados em relações diretas com os animais, interações nas quais corpos humanos e outros-que-humanos estão em interação, como uso e exploração, controle, doma ou convívio, mediados por algum aparato material. Essa categoria inclui equipamentos de montaria, como esporas, freios, arreios, estribos, ferraduras, pregos, pelegos, mantas ou baixeiros, selas (em madeira e couro),⁴ encontrados entre os Kadiwéu, Terena, Kinikinau e outros povos na região do Pantanal sul-mato-grossense (HERBERTS, 1998) e entre os povos nos Pampas argentinos, como os Tehuelche (Figura 1), que dispunham de espetaculares conjuntos completos de montaria adaptados a um modo de existência equestre pós-conquista (COOPER, 1946).

⁴ Ver Ewers (1985) sobre os sofisticados equipamentos de montaria fabricados pelos Blackfoot nas pradarias norte-americanas.

Figura 1. Alguns dos equipamentos de montaria Tehuelche (Argentina) e outros artefatos utilizados em uma vida adaptada ao uso do cavalo nos Pampas argentinos.

O modo de vida equestre foi adotado por vários povos na Patagônia, nos Pampas e, mais ao norte, no Chaco, zonas que incluíam ainda os atuais territórios do Uruguai e do Brasil meridional, no que Miguel Angel Palermo (1986) chamou de “complexo equestre” pampeano-patagônico.



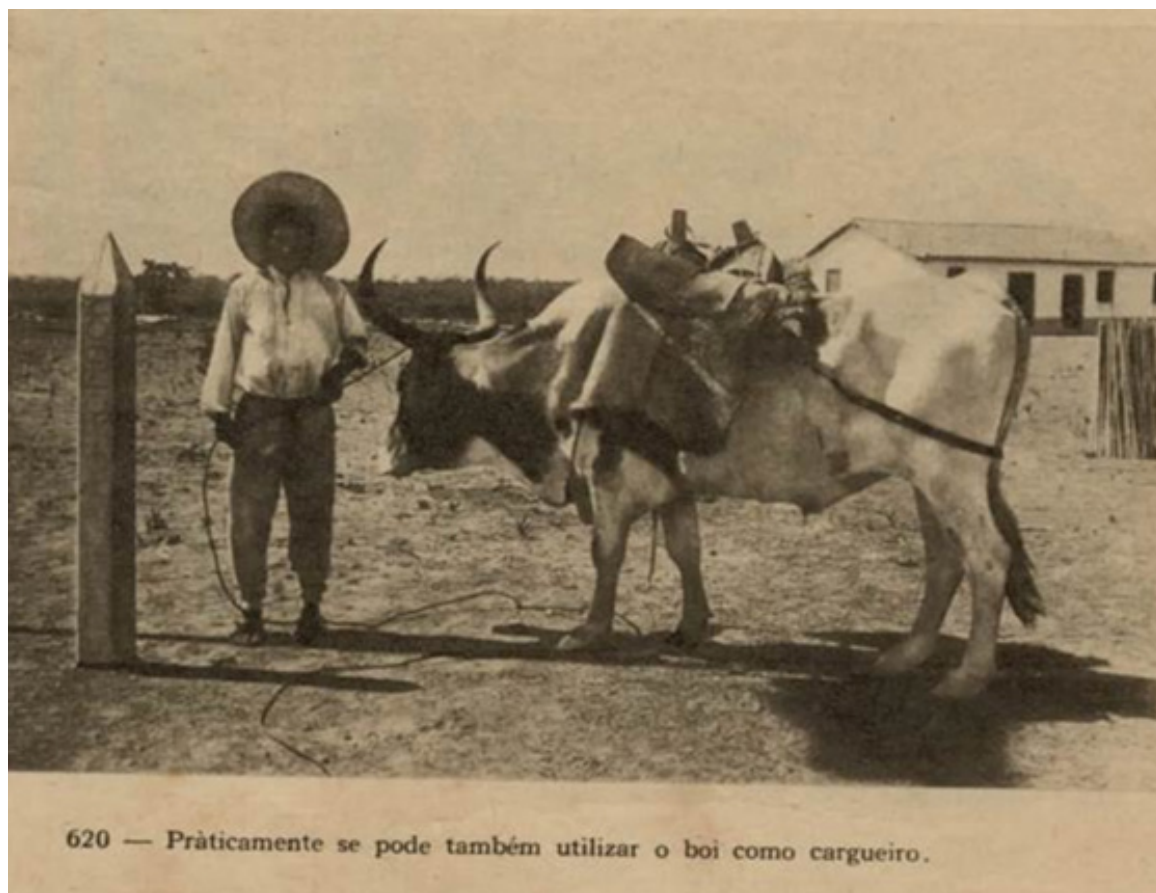
Fonte: Cooper (1946, p. 145).

A categoria também inclui instrumentos ou ferramentas para o uso de animais — cavalos, mulas, burros e bois — como meio de transporte e de trabalho — cangas e cangalhas, alforjes, cestos-cargueiros, jugos, carros de boi, charretes, arados —, além de argolas de nariz, laços, cordas e coleiras, chicotes e relhos, varas de ferrão, e vários outros (Figura 2).⁵

⁵ Propõe-se aqui outra categoria desses artefatos multiespécies, a saber: peças que, se originalmente empregadas para o trato ou contato direto com animais, são destacadas e aproveitadas para outros usos, como a decoração corporal. Aqui encontraríamos os belos colares Kaingang (muitos deles disponíveis no acervo etnográfico do museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre) que incorporavam “materiais heteróclitos”, como botões de camisa, fivelas, argolas de metal, cartuchos de bala, moedas, dedais, fragmentos de porcelana, pingentes de pedra, cordas e miçangas, além de fibras vegetais, sementes, dentes, garras, cornos e conchas naturais, e rosetas de esporas e pedaços metálicos de arreios (DORNELLES, 2021a, p. 62-63; FREITAS, 2014). Se esses colares [jānka] eram “objetos de poder” por meio do qual os Kaingang tomavam para si as potências e a perspectiva dos animais e, no caso dos objetos exóticos, também dos não indígenas (FREITAS, 2014, p. 71-73), talvez seja possível supor que, ao incluírem materiais relacionados à montaria, poderiam buscar incorporar tanto a força dos cavalos como dos brancos cavaleiros, ou de ambos.

Figura 2. Vaqueiro Bakairi (Mato Grosso) conduzindo bovino utilizado como montaria.

Sabe-se que, em muitas regiões do Brasil, os bois foram empregados como montaria por melhor se adaptarem a percursos sobre terrenos pantanosos (ESSELIN, 2010, p. 40), além de serem, em várias regiões, muito mais baratos do que os cavalos (WILCOX, 2017, p. 184). Ademais, os Bakairi estão entre os povos que adotaram a criação bovina de forma sistemática, e são ainda hoje donos de significativos rebanhos e investidores no melhoramento de seus plantéis e em sua inserção no mercado agropecuário (PINA DE BARROS, 2003, p. 133).



Fonte: Rondon (1953, p. 76).

Ferros de marcar animais, e as práticas relacionadas a essas peças, também foram criativamente apropriados por certos povos ameríndios (LÉVI-STRAUSS; BELMONT, 1963). Todos esses artefatos são, ou foram, manufaturados pelos próprios grupos indígenas ou adquiridos entre os não indígenas por meio de cessão, troca, roubo, presente, recompensa ou compra, e adaptados por aqueles aos seus propósitos e modos de saber-fazer. Sabe-se que bois, e sobretudo os cavalos, estão usualmente “cercados por ferramentas humanas — são, de fato, organismos artificiais ou compósitos”, *ciborgues*, como sugere Reviel Netz (2004, p. 74). Busca-se aqui pela presença e pelos usos dos animais por meio dessas ferramentas que os compõem nas relações de contato corporal com os seres humanos, os quais muitas vezes fazem dos próprios animais ferramentas.

Nessa categoria poderíamos incluir os eventuais vestígios ou ruínas de estruturas de confinamento que podem ter sido cercas, cercados, currais, poteiros, encerros ou mangueiras, e que são registrados, por exemplo, em documentos e na iconografia relativos às missões religiosas e vilas de índios no Brasil colonial, como no Maranhão (DORNELLES, 2021b). Na região missioneira do Rio Grande do Sul, tais estruturas

estão registradas tanto em redutos urbanos das missões como em estâncias situadas em locais mais distantes, onde os rebanhos se desenvolviam em liberdade e originaram as “vacarias” ou “vaquerías” (JAEGER, 1958) — como na missão de São João Batista, detalhadamente estudada, do ponto de vista arqueológico, por Artur Barcelos (2000, p. 256-266).⁶ Ainda sobre construções para o manejo do gado, na fronteira entre o extremo sul do Brasil e o departamento de Rocha, no Uruguai, estão os interessantíssimos currais de palmas (feitos de troncos de palmeira butiá, *Butia odorata* Barb. Rodr. Noblick), possivelmente erguidos pelos Guenoa-Minuano ou pelos mesmos Guaraní missioneiros que manejavam os imensos rebanhos de gado feral da chamada Vaquería del Mar (DABEZIES *et al.*, 2021; OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2006; OLIVEIRA; TEIXEIRA, ROCHA, 2009). Esses currais para o gado podem ter sido adaptados pelos povos indígenas tanto a partir de estruturas previamente instaladas nas fazendas coloniais quanto por guardarem alguma similaridade com os currais de peixes e outros animais aquáticos, como quelônios, registrados na documentação histórica desde o início do século XVI em várias partes das terras baixas sul-americanas, como na várzea do Amazonas, e que vêm sendo descobertos e estudados em diferentes sítios arqueológicos no Brasil e em outros países sul-americanos (PRESTES-CARNEIRO *et al.*, 2021). Tais estruturas de confinamento e controle dizem bastante sobre as relações entre povos indígenas e animais desde um ponto de vista simbólico, sobretudo à antiga discussão sobre os processos de domesticação de animais na América do Sul tropical (STAHL, 2008) e às técnicas, saberes e rotinas aplicados ao manejo das espécies introduzidas mediante estruturas de restrição de movimento, cujas funções e formas de operação ainda compreendemos pouco.

Certos tipos de indumentárias e adornos indígenas se associam ao trabalho com animais de criação, como calças, chapéus, enfeites metálicos e outros, como as tradicionais roupas de couro (gibão) utilizadas pelos vaqueiros no sertão nordestino e que foram adotadas por várias comunidades indígenas na mesma região, como os Atikum (PROFESSORES E PROFESSORAS INDÍGENAS EM PERNAMBUCO, 2006, p. 13), ou as vestimentas de couro e calçados de garrão (couro das patas) de potros utilizados pelos Minuano no sul (OLIVEIRA, 2010, p. 72). Uma conhecida prancha de Jean Baptiste Debret (Figura 3) dá notícias de indígenas Charrua “civilizados” que, originários das margens do rio Uruguai, parecem ter se espalhado por outras províncias do Império até o século XIX. Debret (1989 [1834], p. 61) nos dá informações sobre seu modo característico de vestimenta, atrelada às íntimas relações destes indígenas que viviam “cercados de manadas de cavalos selvagens”:

⁶ No caso das missões, não se tem apenas vestígios de currais. Inventários dos bens desses estabelecimentos religiosos, tanto no Maranhão quanto no extremo sul do país (e possivelmente em outras áreas), mencionam uma pletora de ferramentas e instrumentos vinculados à criação animal (por exemplo, o Inventário da Missão de Santo Ângelo, em Oliveira [2008, p. 131]), os quais dão pistas sobre como a atividade era organizada naqueles contextos, visando, sobretudo, o fato já observado de que eram os indígenas que majoritariamente cuidavam dos animais. O inventário da Missão de São Miguel, lavrado em 1768 por Francisco Bruno de Zavala, menciona uma riqueza de “adereços para cavalos” (GATTIBONI, 2008, p. 107-108). O que seriam esses adereços? De que maneiras os Guaraní missioneiros interpretavam esses cavalos adornados? E quais as possíveis formas de participação dos indígenas na ornamentação das montarias? Ademais, trata-se ainda de ter em mente a própria existência de adornos para animais na interpretação dos objetos eventualmente localizados em escavações ou em coleções musealizadas.

[A]ndam quase sempre a cavalo, envolvidos em ponchos. O resto de sua vestimenta é copiado dos hispano-americanos; como estes, andam sempre armados de um grande facão preso à cinta ou simplesmente enfiado numa das botas. O comércio de animais constitui sua principal ocupação; muitas vezes, também, com o nome de peões, servem de guia aos viajantes que percorrem essas províncias. Tão intrépidos a pé quanto a cavalo, não hesitam em atacar a onça, o braço esquerdo envolvido no poncho e recoberto de um pedaço de couro que, como uma espécie de avental, faz parte de sua indumentária.

Figura 3. Os "Charruas civilizados", de Debret, 1834.

Note-se que, nesta imagem, os dois homens Charrua são apresentados em um âmbito rural, remetendo ao seu papel como força de trabalho. Não obstante, suas roupas constituem uma "mescla" de atavios e artefatos nativos com outros utilizados pelos peões não indígenas (AZPIROZ, 2017, p. 16-18), no que parece ser uma composição original, mas que, igualmente, remete à ideia de mestiçagem. O texto que acompanha a imagem faz referência aos Charrua — habitantes, originalmente, dos campos naturais do Uruguai e Rio Grande do Sul — conduzindo e negociando gado em distintas províncias do Brasil imperial (São Paulo e Espírito Santo), o que nos leva a refletir sobre uma ainda pouco conhecida presença e participação indígena no fenômeno do tropeirismo, que conectou o extremo sul do país a São Paulo, à região mineradora e à Corte no Rio de Janeiro, tendo destacado papel na evolução da pecuária no Brasil (HILBERT, 2010, p. 27-28).



Fonte: Debret (1989 [1834], prancha 15).

Até mesmo pontas de flechas ou lanças confeccionadas em metal (ferro ou aço) podem eventualmente indicar a presença e certas modalidades de relação com o gado bovino e equino uma vez que, em alguns casos, conforme a documentação disponível, essas armas parecem ter sido usadas especificamente para abater esses mamíferos exóticos. Assim, sugere o exemplo dos Avá-Canoeiro, no norte de Goiás ou Tocantins, em que consta que as flechas

com “pontas de faca amolada nas laterais”, que este povo confeccionava laboriosamente a partir de latas, pregos, facas e outros objetos de ferro que encontravam nas suas andanças ainda antes do convívio permanente com os não indígenas, justamente “serv[iam] para abater o gado”. Apenas elas seriam capazes, diz-se, de penetrar o couro desses grandes e estranhos animais que apareciam no território dos Canoeiro desde o século XVIII (BELTRÃO, 1977, p. 140-141; FUNAI, 2001, p. 4-5). Tal pode também ter ocorrido entre os Xokleng (Santa Catarina) e os Kaingang (no interior paulista), que também produziam flechas e lanças com pontas de ferro antes do convívio permanente com os não indígenas, e usavam-nas frequentemente para o abate de bois e cavalos dos colonizadores — e para a guerra contra esses mesmos humanos não indígenas — que invadiam seus territórios entre fins do século XIX e os primeiros anos do século seguinte. Contudo, trata-se de uma hipótese que ainda carece de investigação.

Nota-se que a identificação de artefatos como os incluídos nessa categoria não está, obviamente, isenta de dificuldades. Certos objetos anódinos podem estar relacionados ao trato com animais: freios empregados na montaria de cavalos, por exemplo, podem ser só um pequeno cilindro de madeira, osso ou outros materiais sem maiores especificidades. Nesse caso, o estudo cuidadoso de possíveis marcas, traços ou ranhuras nas peças — associados, quando possível, ao exame dos dentes dos animais às vezes coletados nos sítios arqueológicos — podem indicar a prática da cavalgada, como fez David Anthony (2007, p. 193-224) em sua detalhada investigação sobre as origens da domesticação dos equinos nas estepes da Eurásia.⁷ Para um caso entre as comunidades originárias no Brasil, cita-se os pedaços de couro de boi curtido utilizados pelos Macuxi, em Roraima, para, umedecidos em água com folhas de mutambeira, serem passados nas peças de cerâmica em produção para remover “imperfeições”, como pequenos buracos, saliências ou marcas deixadas pelo próprio processo de fabricação (PAES, 2022, p. 166). É fundamental compreender as múltiplas possibilidades e mostrar criatividade na interpretação dos objetos, considerando a possível presença de bois e cavalos nas antigas aldeias a partir do que podem vir a nos permitir saber os artefatos disponíveis para pesquisa.

Do mesmo modo, o auxílio dos próprios povos indígenas na correta identificação dos artefatos e na explanação de seus usos e significados é frequentemente valiosa. Um objeto da coleção etnológica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) nos fornece uma ilustração das possibilidades abertas por essa colaboração. No livro de registros das peças do museu, consta um artefato de 1947 descrito como um “Arreio Terena” (Objeto 2701. Coleção Herbert Baldus/São Paulo, MAE-USP). Por ocasião da exposição *Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena: Resistência Já! Fortalecimento e União das Culturas Indígenas* (WERMELINGER GUIMARÃES; CURY; CARNEIRO, 2017), o objeto foi apreciado pelos Terena convidados a discutir as peças expostas, e eles mostraram que ele fora erroneamente classificado. Segundo os próprios Terena que trabalharam na montagem da exposição, trata-se, na verdade, de um baixeiro (um pelego), chamado *ramake’e kamo* na língua Terena, feito com fibra do tronco de bananeira e utilizado para proteger o dorso do cavalo para o trabalho pesado;⁸ na década de 1940, Fernando Altenfelder Silva (1949, p. 294)

⁷ Ver Taylor *et al.* (2023) para um resumo de análises semelhantes com cavalos de origem espanhola na América do Norte indígena.

⁸ O objeto pode ser visto em *Saberes Terena na Exposição “Resistência Já!”* (SABERES..., 2022), em que é apresentado pelos Terena David Pereira e Gerolino Cezar, parceiros do MAE-USP no trabalho colaborativo que deu forma à exposição.

registrou que os Terena, para montar, utilizavam exatamente uma sela constituída por dois cilindros de folhas de bananeira, ligados por tiras do mesmo material. A identidade desse curioso objeto — classificado de forma equivocada — só foi estabelecida pelo diálogo com seus fabricantes Terena que vivem hoje na terra indígena Araribá, no interior de São Paulo.

CORPOS FEITOS DE OUTROS CORPOS

O segundo tipo ou categoria de artefatos são aqueles que diversos povos indígenas no Brasil e em países vizinhos confeccionaram, ou ainda confeccionam, a partir dos corpos ou partes dos corpos de bois, vacas, cavalos, búfalos e outros animais de criatório. São peças de distintas naturezas e para variadas finalidades, feitas a partir de ossos, dentes, chifres, cascos, unhas, couro, pele, pelos, crina, lã, nervos, tendões, órgãos internos e outras matérias-primas orgânicas, disponíveis com o aparecimento desses seres exóticos e das técnicas de seu abate e exploração de seus corpos nos mundos indígenas.

Encontram-se artefatos de uso ritual ou cerimonial, como as máscaras Tikuna, no Amazonas, que incorporam crina de cavalo à guisa de barba, algumas delas presentes na coleção Harald Schultz, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (VIEIRA; CURY, 2021), e os guizos que os antigos Guaraní faziam de crânios de cabras (MÉTRAUX, 2012, p. 305). Registram-se, ademais, os belíssimos instrumentos musicais de sopro (em geral buzinas, também denominados trompetes ou apitos) produzidos por muitos povos espalhados pelo continente: pelos Tenetehara-Guajajara no Maranhão, pelos Kaingang no Paraná, pelos Kadiwéu na região pantaneira, pelos Puri em Minas Gerais no século XIX, por vários povos na região do Chaco (Paraguai, Argentina e Bolívia) e na Venezuela, mas, sobretudo, por vários grupos de língua Jê-Bororo no Brasil central (Krahó, Kanela, Krikati, Krepimkatéye, Apinayé, Bororo, Mebengokre-Kayapó), nas quais os chifres bovinos — ou de búfalo, no caso de uma buzina fabricada pelo povo Umutina, no Mato Grosso (BIANCARDI; SPINOLA, 2017, p. 87) — parecem ter substituído as cabaças empregadas originalmente (CIVALLERO, 2017; IZIKOWITZ, 1935, p. 218-256; VANDER VELDEN, 2020c), dando forma a aerofones por vezes semelhantes aos berrantes bastante conhecidos no mundo rural brasileiro (Figura 4). Por intermédio de fontes documentais e de coleções museológicas, sabe-se que artefatos como esses são desde o início do século XIX, o que se verifica pela existência da bela buzina Kayapó do Sul, coletada em 1820 pelo naturalista Johann Emanuel Pohl no aldeamento de São José de Mossâmedes, no rio Araguaia, em Goiás, e que hoje integra a coleção Natterer do Weltmuseum de Viena, Áustria (AUGUSTAT, 2013, p. 108). Outros povos, como os Atikum no interior de Pernambuco, também empregam o que chamam de *búzio*, instrumento confeccionado de um chifre de boi, utilizado para convocar os penitentes para as rezas noturnas (PROFESSORES E PROFESSORAS INDÍGENAS EM PERNAMBUCO, 2006, p. 11). Já os Kapinawá, também de Pernambuco, empregam o *búzu* feito de chifre bovino como meio de comunicação (PROFESSORES E PROFESSORAS KAPINAWÁ, 2016, p. 100). Nota-se que a maioria desses aerofones de chifre se concentram nas zonas alcançadas pelas frentes de expansão pastoril, nas quais o encontro entre o gado e os povos indígenas foram determinantes nas histórias de ambos.

Figura 4. Apito cerimonial Apinayé (Tocantins), confeccionado com uma ponta de chifre e decorado com cascos de animais, penas e miçangas coloridas, em uma composição claramente multiespecífica e interétnica.

O uso de chifres bovinos para a fabricação de aerofones se difundiu entre vários povos do continente (incluindo a zona andina do Peru, onde é chamado, em quechua, de *waka waqra*, "cuerno de ganado vacuno", conforme o dicionário do Gobierno Regional de Cusco [2005, p. 706]), mas se concentrou entre os povos Jê-Bororo no Brasil central, onde há muitos exemplos dessas peças de grande beleza. Os usos cerimoniais desses aerofones ainda precisam ser melhor analisados. Mário de Andrade (1989) observa as origens europeias e africanas dos berrantes do sertão brasileiro, mas nada diz acerca desses artefatos indígenas análogos e conectados com a expansão do gado pelo vasto interior do país.



Fonte: Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira/Recife, Museu do Estado de Pernambuco.

Partes de corpos dos animais de rebanho introduzidos também foram convertidos em ferramentas, como as omoplatas de gado vacum e cavalar empregadas como enxadas nas reduções do Itatim (AZARA, 1809 *apud* ESSELIN, 2011, p. 83). Igualmente entraram — e ainda entram — na confecção de objetos decorativos ou artísticos, incluindo adornos corporais, como os colares e diademas de dentes de bois e cavalos antigamente manufaturados pelos Bororo no Mato Grosso, chamados de *dabira-ã* (NATTERER, 2014, p. 209-216). Ou os espetaculares couros bovinos, equinos e caprinos pintados — “desenhados”, como dizem — pelos Kadiwéu no Mato Grosso do Sul. Originalmente, eram pintados — com jenipapo misturado com carvão e, às vezes, com um pouco de urina humana, para ajudar a fixar a cor preta, e com urucum com gordura animal, para a cor vermelha — os couros, sobretudo de onças (*Panthera onca*) ou cervos-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), além de outras espécies nativas,⁹ mas já há algum tempo os Kadiwéu trabalham sua arte com grande maestria nos couros curtidos de espécies introduzidas (SIQUEIRA JR, 1992, p. 63-69). Muitos dos motivos que aparecem nessas peças são transposições das elaboradas pinturas corporais antigamente realizadas pelos Mbaya-Guaykuru, mas alguns dos couros portam

⁹ Seguindo fontes documentais e etnográficas, Herberts (1998, p. 229) menciona couros curtidos de capivaras, lontras, ariranhas, lobos-guará, antas e porcos-do-mato antigamente pintados pelos Kadiwéu.

verdadeiras narrativas, com uso de desenhos figurativos, de eventos importantes na história desse povo de cavaleiros, como as retomadas das fazendas que invadiram seu território ao longo do século XX.¹⁰ Algumas peças, por fim, parecem combinar desenhos figurativos com os motivos tradicionais aplicados antigamente a rostos e corpos.¹¹ Atualmente, os Kadiwéu também pintam ou desenhavam sobre o crânio de bois, vacas, cavalos e burros, peças igualmente de grande apuro estético (Figura 5). Os Ejiwajegi-Kadiwéu seguramente estão entre os povos indígenas que desenvolveram a mais rica e elaborada indústria em torno dos corpos dos grandes herbívoros originários do Velho Mundo, e mesmo animais vivos eram e são por vezes pintados com os tradicionais motivos nativos.

Figura 5. Couro pintado, combinando motivos tradicionais e figurativos (esquerda) e crânio pintado (direita), Kadiwéu, Mato Grosso do Sul.

Couros e crânios de bois e cavalos constituem novos e criativos suportes da sofisticada arte gráfica Kadiwéu, que aparece também nos corpos humanos e foi objeto de análises clássicas, como aquela de Lévi-Strauss (1996, p. 167-186). Os objetos dessa categoria confeccionados com os corpos dos animais obviamente não prescindem da localização, nos registros arqueológicos ou museais, de ossos e outros vestígios orgânicos, de modo que, aqui, dispomos de materiais que explicitam uma zooarqueologia tanto direta quanto indireta. Esse é o caso também das belíssimas mantas de lã ovina confeccionadas por vários grupos pampeanos e patagônicos e objetos de intensa comercialização desde finais do século XVI até o presente (MENDEZ, 2009).



Fonte: Acervo particular de Marcus Antonio Ruiz/Guia Lopes da Laguna/MS.

Fotografias: Marcus Antonio Ruiz. Reproduzidas com permissão.

Nesta categoria, por fim, inclui-se objetos utilitários, como as fogueteiras (polvorinhos) em chifre bovino utilizadas para guardar pólvora ou tabaco pelos Fulni-ô em Pernambuco (PINTO, 1956, p. 97), e as tochas fabricadas com o sebo das vísceras de gado chamadas *candiru*, fabricadas pelos Wapishana no lavrado roraimense (PEREIRA DA SILVA, 2012, p. 33). Além disso, encontrou-se muitos apetrechos de montaria (laços, chicotes, cordas, mantas, pelegos) e transporte (sacos, pelotas)¹² confeccionados com

¹⁰ Localizou-se dois couros desse último tipo, que trazem desenhos figurativos — distintos dos motivos mais “abstratos” da arte Kadiwéu mais conhecida — para a execução de narrativas históricas. O material está em análise e os resultados serão publicados em momento oportuno.

¹¹ Lévi-Strauss (1996, p. 174-175) registrou desenhos figurativos — como um cavalo — produzidos pelos Kadiwéu já nos anos de 1930. Os desenhos tradicionais — não figurativos ou minimamente figurativos — desse povo de língua Guakurú [*godidigo*] também podem apontar para a incorporação dos bovinos, como no motivo chamado *waca libiwe*, “chifre de vaca” (DURAN, 2021, p. 73-86). Nota-se que uma distinção entre geométrico e figurativo não é universal.

¹² Um tipo de balsa, feita em couro, utilizada para a travessia de objetos por rios e lagoas (HERBERTS, 1998, p. 230).

couro de boi, peles equinas e bovinas, ou com lã de carneiro, produzidos pelos Kadiwéu, Terena e Kinikinau no Mato Grosso do Sul (HERBERTS, 1998, p. 229-230), e por vários grupos indígenas no sertão nordestino e nos campos naturais do Vale do Rio Branco/RR, onde as comunidades indígenas estão envolvidas com rebanhos desde o século XVIII (FARAGE; SANTILLI, 1992, p. 267-268). Nesse último caso, tem-se a combinação de dois tipos ou categorias de objetos — ao mesmo tempo fabricados com partes orgânicas de animais e empregados para o trato direto com esses mesmos seres —, o que demonstra que a tipologia sugerida aqui é puramente analítica.

Neste caso, a principal dificuldade na identificação das peças e, por conseguinte, na caracterização da presença, dos significados e dos usos dos animais nas aldeias indígenas está na correta identificação das matérias-primas orgânicas, conforme aponta o historiador Robert Delort (2002, p. 57-67) ao discutir os manuscritos medievais europeus realizados sobre distintas peles, couros e pergaminhos. Com efeito, se em alguns casos a espécie animal pode ser identificada mesmo por um olhar leigo — como ocorre com os chifres bovinos —, em outros o trabalho de um biólogo, ou zoólogo, e análises laboratoriais podem ser necessárias para que se possa determinar corretamente a espécie da qual foram extraídos o couro, os dentes ou os cascos (HARRIS; VELDMEIJER, 2014). Tais procedimentos se tornam fundamentais, uma vez que os povos ameríndios empregam matérias-primas similares que extraem de espécies silvestres nativas, como couros de antas, couros e cascos de cervídeos e dentes e unhas de porcos-do-mato (queixadas e caititus), entre muitos outros (RIBEIRO, 1988).

A busca pela identificação inequívoca das espécies instiga mais uma questão no que concerne particularmente aos ossos. Um estudo sobre técnicas de abate, desmembramento e corte de bovinos introduzidos entre os Maya na Guatemala mostrou não apenas que os restos osteológicos são localizados sempre em certos locais específicos, mas que são extremamente raras as marcas de instrumentos cortantes nesses ossos (DELSOL, 2020). Isso implica que, provavelmente, ossos de bois e outros animais exóticos só possam mesmo ser identificados se e quando preservados na forma de artefatos culturais. Sabemos que, nas terras baixas sul-americanas, assim como na Mesoamérica, as carcaças de animais de presa são tratadas com extremo cuidado em função de uma generalizada ética da caça, o que sugere que também aqui os vestígios de cortes podem estar largamente ausentes. Ademais, é comum que seus despojos — ossos, peles, couros, dentes e outras porções não comestíveis — sejam igualmente manuseados com cautela e depositados em lugares apropriados, às vezes fora das aldeias — como é o caso entre os Karitiana, segundo Vander Velden (2012, p. 196-198, 266-271). Desse modo, levar em conta as práticas e tecnologias ameríndias de caça e aproveitamento da carne é crucial para a compreensão adequada dos restos faunísticos de origem alofila.

MATERIALIZANDO ANIMAIS

Finalmente, o terceiro tipo de objetos que nos interessam nessa visão geral são aqueles que poderíamos denominar de “representações” ou “imagens”, feitas pelos povos indígenas, dos animais em questão, em vários diferentes suportes materiais (cerâmica, cestaria, cera de abelha, tecidos, cabaças, madeiras) e segundo distintas técnicas (escultura, pintura, gravura, trançado, desenho e outros). Na verdade, se em muitos casos podemos falar em representações desses seres — ou seja, de simples imagética incorporada aos objetos para sua decoração ou da reprodução de formas com finalidades lúdicas, rituais, estéticas ou outras —, em outros talvez estejamos diante de modalidades diferentes de incorporação desses animais exóticos às materialidades indígenas que podem ter não intenções (apenas) representacionais, mas podem servir, por exemplo, para *presentificação*, *sinedoquização* ou *controle/abdução* desses seres (DYE, 2017; GELL, 1998; GOULARD; KARADIMAS, 2011). Assim, optou-se por empregar

a ideia de *materialização* dos animais ou das relações entre esses e seus companheiros humanos por parte de artistas e artesãos indígenas. Por *materialização*, manteve-se abertas as possibilidades de múltiplas interpretações dos mecanismos de apropriação de bois e cavalos — e outros seres — por meio de sua miniaturização em suportes materiais, seja escultórica, pictórica ou outras, evitando cair no pressuposto, muitas vezes errôneo, de que imagens ou formas somente podem ser representações das espécies “reais”.¹³

Pode-se encontrar uma quantidade de exemplos de peças que materializam bovinos, equinos e outros animais de rebanho em barro, cera de abelha, madeira e cabaça, e, na forma de desenhos, pinturas, pirogravuras e outras técnicas. Inclusive, muitas dessas peças são produzidas hoje em dia para atender a mercados de arte nativa e a demandas turísticas. É o caso, por exemplo, das peças em cerâmica fabricadas pelos Kadiwéu e Terena (Figura 6), que incorporam às figuras desses animais técnicas e motivos estéticos muito característicos desses dois povos sul-mato-grossenses.

Figura 6. Vaca em cerâmica, Terena, adquirida em mercado de Campo Grande/MS.

Na cidade, assim como em outros municípios do mesmo estado — como Bonito —, encontra-se abundante oferta de cerâmicas indígenas, sobretudo Terena, Kadiwéu e Kinikinai. Algumas peças incorporam bois, vacas, cavalos, galinhas e outros animais domesticados exóticos, que são parte da vida cotidiana desses povos desde o século XVI, e dialogam, de certo modo, com a pujança da pecuária no Mato Grosso do Sul, que constitui parte crucial da imagem do estado, ainda que os povos indígenas se relacionam com o agronegócio apenas como trabalhadores (peões) ou como vítimas de sua expansão desenfreada (ESSELIN, 2011; WILCOX, 2017).



Fonte: Coleção de Felipe Vander Velden. Fotografia: Felipe Vander Velden, 2021.

Os Karajá na Ilha do Bananal, também donos de uma conhecida tradição ceramista, produzem figuras de bois e cavalos dentro de um conjunto extenso de pequenas esculturas da fauna nativa e de muitos outros temas (CAMARGO DA SILVA, 2015). Há ainda, entre os Waujá, os grandes ceramistas do Xingu, vasilhas zoomorfas “representando” bois e

¹³ Um exemplo dessas presentificações, além das máscaras indígenas, são o que Zerries (1962, p. 392-393) chama de *cópias de animais*, em geral, pequenas esculturas em cera, por exemplo, que dão aos caçadores poderes sobre suas presas, permitindo caçá-las com mais facilidade: Segundo Zerries (1962, p. 393), aquela “representação gráfica ou plástica do animal cobiçado [...] tem por finalidade permitir a ação do caçador sobre o animal” de carne e osso. O autor trata da caça, mas é evidente que o controle dos animais domesticados é igualmente tarefa crucial para os povos que dispõem de rebanhos.

cavalos, inovações recentes no repertório nativo (os Waujá teriam, segundo a autora, “acentuado gosto pelas novidades”), mas que, por aparecerem em peças, tomam parte do conjunto de seres considerados *aurrepái*, “bonitos” (COELHO, 1981). Como parte dessa categoria, destaca-se um extraordinário conjunto de peças que fazem parte do acervo do Museu Paranaense (MUPA), de Curitiba. O conjunto é formado por uma “tropa” de animais (cavalos, vaca, carneiro e cabrito, além de dois cachorros, os quais não estão localizados na coleção) e humanos confeccionados em cera de abelha temperada com carvão e gordura animal, recolhidos pela antropóloga alemã Wanda Hanke em 1948. Essas peças estavam classificadas no Museu Paranaense como produto de população “cabocla” no interior paranaense, até que se descobriu uma carta de Hanke que informava sobre a coleta e o envio do conjunto ao museu, atribuindo-a a um artesão Kanhgág (Kaingang) chamado Vitorino que vivia no posto indígena Faxinal, no interior do estado. O conjunto é realmente singular e não se tem notícia de artefatos semelhantes entre outros povos indígenas no Brasil, embora a cera de abelha seja empregada na confecção de objetos lúdicos (brinquedos) para crianças, tanto zoomorfos quanto antropomorfos e de seres naturais ou sobrenaturais, como registrado entre diversos povos indígenas em diferentes regiões do país (RIBEIRO, 1988, p. 302). Os resultados do estudo das peças e sua trajetória histórico-cultural serão publicados futuramente (SPENASSATTO; PARELLADA; VANDER VELDEN, 2023).

Duas observações são necessárias. Aqui, assim como no caso anterior, encontrou-se dois tipos de objetos conjugados em um único artefato; ou seja, animais representados ou presentificados sobre matérias-primas originárias desses mesmos animais. É o caso, mais uma vez, de certos couros desenhados ou pintados pelos Kadiwéu nos quais aparecem imagens de bois e cavalos, constituindo, ao mesmo tempo, materializações desses seres em um suporte preparado a partir de seus próprios corpos. A segunda observação aponta para o fato de que essas representações, ou presentificações, materiais dos animais introduzidos entre os povos indígenas não são muito comuns. Elas são mais frequentes na cerâmica de certos povos com reconhecida tradição ceramista, mas bastante raras em outros suportes, como em um raro maracá [*mbaraka*] Guaraní-Kayowá (Mato Grosso do Sul) que traz a figura de um boi (Figura 7).

Figura 7. Maracá [*Imbaraka*] Guarani-Kayowá (Mato Grosso do Sul) pintado com a figura de um boi em vermelho.

Esses idiofones globulares geralmente são pintados de urucum, mas, neste exemplar, chama a atenção a imagem de um bovino, animal que tem sido um dos algozes dos Kayowá e outros povos indígenas no Mato Grosso do Sul, cada vez mais violentamente acossados pela expansão das fazendas de gado e pela monocultura da soja e da cana-de-açúcar (PEREIRA, 2016). Os maracás podem ser receptáculos de forças ou entidades sobrenaturais, as quais se manifestam por meio deles (MONTARDO, 2009, p. 163-167). Estaria este aqui mirando na possibilidade do controle desses poderosos animais?



Fonte: Benites (2019, p. 14).

Essas figuras animais são, deste modo, bastante incomuns entre comunidades em que a cerâmica não tem (mais) papel central na produção. E, mesmo entre povos conhecidos pela produção significativa de pequenas esculturas de animais — como os Guarani-Mbya e seus chamados “bichinhos” em madeira leve (FARACO, 2015) e os Macuxi com seus pequenos animais em cerâmica (PAES, 2022) —, não se tem notícias de materialização de bois, cavalos, cabras, ovelhas e outras espécies de rebanho. Essa relativa raridade na figuração desses animais estrangeiros nas artes/artesanatos indígenas certamente merece pesquisas e reflexões futuras.¹⁴

Também é possível incluir nessa categoria as controversas pinturas ou gravuras rupestres que podem se revelar imagens dos animais de rebanho ou criatório introduzidos. De fato, se na zona andina as imagens de bois, cavalos e cavaleiros — os quais são os testemunhos claros de que se trata de imagens históricas, pós-invasão europeia, de animais exóticos — são bastante comuns (a assim denominada *arte rupestre colonial*), espalhando-se desde o norte da Argentina e do Chile até a Colômbia (ARENAS; MARTÍNEZ, 2009). Nas terras baixas, essas imagens parecem ser muito raras, e sua interpretação apresenta

¹⁴ Uma possibilidade, como a sugerida durante pesquisa em Mato Grosso do Sul, é a de que os turistas, que cada vez mais procuram por essas peças indígenas, desejam figuras de animais nativos — no caso em tela, “os animais do Pantanal” — por entenderem que bovinos e equinos não constituem fauna nativa e, portanto, nada tem que ver com os povos indígenas, e nem com a natureza local, onde esses povos supostamente vivem. Duran (2021, p. 280-281) registrou que as ceramistas Kadiwéu faziam “moringas de boi” para usar em casa, e que deixaram de confeccionar peças zoomórficas representando bois e galinhas porque aqueles que trazem animais nativos (peixes, araras, tucanos, porcos, tatus) “têm mais saída”.

uma série de dúvidas. No caso do sítio Serranía de La Lindosa, Guaviare, na Amazônia colombiana, verifica-se um debate se as imagens pintadas materializam cavalos e bovinos pós-Colombianos ou espécies semelhantes, mas nativas da fauna pleistocênica sul-americana — e aqui a ausência de cavaleiros, ou de animais montados, é seguramente o principal motivo da controvérsia (URBINA; PEÑA, 2016; IRIARTE *et al.*, 2022, p. 6).

No Brasil, encontramos poucos registros de pinturas rupestres que podem, com alguma segurança, afirmar-se materializar um bovino exótico. Uma pintura em vermelho escuro, associada ao intervalo de ocupação Jê mais recente (aproximadamente entre 540 e 192 AP), localizada no sítio Jaguariaíva I, no município de Jaguariaíva/PR (PARELLADA, 2004), de fato se assemelha a um novilho, com várias linhas paralelas internas se entrecortando, com estética figurativa semelhante a outras figurações Kanhgág (Kaingang), povo que historicamente ocupava a região, especialmente dos séculos XVIII e XIX. Tenho também notícia do que seria a pintura de um bovino zebuino realizada na Pedra do Touro, município de Queimadas, no estado da Paraíba. O animal retratado na imagem do que seria um “controverso touro” não é, claro, consensual (BRITO, 2008, p. 53-54), e não se consegue obter mais informações a respeito. Márcia Braga (1999, p. 53-54), por fim, menciona pinturas isoladas de bois e jegues no sítio Toca Bonita, no município baiano de Central, que testemunham a provável existência de uma trilha de gado secundária na região e seu histórico voltado à atividade pecuarista, certamente observado pelos grupos indígenas ali alcançados pela frente de expansão pastoril.¹⁵

As dificuldades, na pesquisa com os artefatos desse terceiro tipo, são análogas àquelas que se apresentam no tipo anterior: o problema, que às vezes se manifesta, da identificação inequívoca das figuras como bois, cavalos e outras espécies introduzidas, diferenciando-as de animais nativos assemelhados, como veados e antas, e mesmo da extinta megafauna sul-americana. De modo similar, a materialização dos seres podem se basear em convenções estéticas singulares que, ao priorizarem certos atributos por vezes mínimos ou insuspeitos, tornam a identificação da espécie difícil e muitas vezes aberta às interpretações pelos próprios autores das peças, sem que com isso as ambiguidades sejam necessariamente dirimidas (COELHO, 1981). Tomemos o exemplo de uma figurinha em cerâmica (Figura 8), indicada como “Peça coletada em caverna próxima ao sítio CM1” (Sítio Córrego Campina 1, em Bodoquena/MS), mas que concerne a uma doação (não detalhada na publicação) ao Museu de Arqueologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (reproduzida em Kashimoto; Martins [2019, p. 169]).

¹⁵ Em todos esses exemplos, pode ser difícil determinar se as pinturas foram feitas por grupos indígenas ou outros coletivos não indígenas (como quilombolas ou euro-americanos), mesmo porque, em vários contextos, todos podem ter participado de uma “cultura pastoril” [*cowboy culture*] comum (para o caso do sudoeste dos Estados Unidos, Palonka *et al.* [2023]).

Figura 8. Animal em cerâmica, peça recolhida em caverna próxima ao sítio CM1

(Sítio Córrego Campina 1, em Bodoquena/MS) e doada ao Museu de Arqueologia (MUARQ) da UFMS.

A figura não apresenta traços que permitam uma identificação inequívoca do animal materializado, objetivo que poderia ser alcançado caso a peça pudesse ser datada com alguma precisão. Ainda assim, não se pode supor que cada peça corresponda, necessariamente, a um animal de uma única espécie, uma vez que figuras compósitas (ou *quiméricas*, segundo Carlo Severi) são comuns nas artes ameríndias (SEVERI; LAGROU, 2013). Assim, essa figura bem pode combinar partes de diferentes seres, incluindo seres ditos "sobrenaturais", sugerindo, ainda, as possibilidades transformacionais que caracterizam humanos e outros-que-humanos nas terras baixas e que, inclusive, sugerem outras possibilidades de análises arqueológicas de peças cujas formas parecem mesmo não corresponder a espécies distinguíveis, mas a mais de uma espécie, ente ou criatura simultaneamente (WEISMANTEL, 2013).



Fonte: Kashimoto e Martins (2019, p. 169).

Que criatura é ou pode ser esta? Pode ser um veado, o que seria, digamos, mais provável? Mas pode se tratar de um bovino? Ou uma cabra? Uma ovelha? Ou pode ser, por outro lado, uma criatura monstruosa ou mítica, ou um ente não reconhecido pela zoologia científica? Uma “mistura” de seres, ou uma criatura apanhada em pleno processo de transformação ou metamorfose? Dúvidas oriundas da virtual ausência de informações sobre sua coleta, sobretudo da falta de contexto, uma vez que a peça provém de uma doação. E aqui, mais do que zoólogos ou especialistas em arte, no caso de materiais arqueológicos um cuidadoso trabalho de escavação e a precisa datação dos achados costuma ser crucial. É preciso, ademais, ter-se consciência de que as formas plásticas e estéticas da figuração indígena são múltiplas, e podem não necessariamente corresponder ao que nós entenderíamos como representações “corretas” de seres humanos ou outros-que-humanos. Assim, qualquer conclusão depende da investigação do maior agregado possível de informações, recordando a defesa que faz Landon (2005) da zoorqueologia histórica como disciplina eminentemente interdisciplinar.

BREVES CONSIDERAÇÃO FINAIS

Este artigo espera ter oferecido um pouco da riqueza de objetos que podem interessar às pesquisas em (zoo)arqueologia histórica interessadas no convívio entre os povos ameríndios nas terras baixas da América do Sul e os grandes herbívoros domesticados trazidos para este continente com a conquista e a invasão europeias. De fato, ao contrário do que geralmente se pensa, a presença de bois, cavalos, cabras, ovelhas, mulas, burros, jegues, jumentos e outros herbívoros domesticados nas aldeias indígenas no Brasil e nas

terras baixas sul-americanas como um todo não é incomum. Trata-se, na maioria dos casos, de pequeníssimos plantéis, às vezes apenas um ou dois animais, mas há certos grupos que vêm, há algum tempo, acumulando rebanhos relativamente expressivos, como é o caso dos Krahó, no Tocantins, dos Bakairi, no Mato Grosso, e dos povos nos campos naturais no Vale do Rio Branco/RR, como os Macuxi, Wapixana e Taurepáng (VANDER VELDEN, 2011). Historicamente, temos notícias, da mesma forma, de povos que acumularam grandes quantidades de animais de rebanho, como ocorre com os Kadiwéu e outros povos no Chaco (Paraguai, Argentina e Brasil) desde pelo menos o século XVIII e mesmo com os grupos genericamente conhecidos como Tapuia no interior nordestino, para os quais temos registros da presença e do emprego de cavalos durante todo o período colonial (VANDER VELDEN, 2020a). Deste modo, fontes arqueológicas, iconográficas e históricas, aliadas ao estudo dos artefatos musealizados, podem oferecer importantes pistas sobre os sentidos da adoção — ou, alternativamente, da recusa — desses seres, sobre seus usos e sobre a posição simbólica desses animais nos universos materiais, cerimoniais, míticos e artísticos dos povos indígenas.

Assim, pensa-se em uma zooarqueologia histórica do contato humano-animal — ou, subscrevendo a exortação de Silliman (2005), de uma zooarqueologia do colonialismo, na qual os processos tomam precedência sobre os eventos. Nota-se que todos esses objetos aqui apresentados são, naturalmente, também artefatos transculturais ou interétnicos, pois falam igualmente dos encontros e da convivência entre coletivos humanos indígenas e não indígenas. Todavia, a antropologia interessada nas relações humano-animais tem por foco certos não indígenas que também são seres outros-que-humanos, bem como nas relações entre indígenas e euro-americanos a partir dos animais introduzidos e os efeitos de sua chegada e permanência nos universos materiais e simbólicos dos povos originários.

Parte disso é feito por meio do estudo de artefatos como aqueles aqui apresentados e discutidos, de modo a buscar entender algo das relações entre os povos indígenas e esses estranhos seres exóticos trazidos pelos europeus para a América do Sul. O objetivo, a partir deste breve panorama geral, é a realização de futuros estudos de caso, focalizando etnias, períodos e contextos regionais. Não obstante, será possível apontar para certas recorrências — estruturas de mais longa duração, por assim dizer — nas relações entre os ameríndios e os animais de rebanho que podem ser traçadas nas etnografias e nos trabalhos históricos. Tais constâncias devem permitir pensar numa espécie de modo ameríndio de tratamento do rebanho e das consequências que ele traz, como a fazenda e a figura do fazendeiro. Portanto, esses trabalhos poderão constituir numa crítica ao todo poderoso agronegócio brasileiro que, nos últimos anos, não contente em querer transformar as terras indígenas em fazendas de gado e plantações de soja e outras commodities agrícolas, tem insistido na conversão dos próprios indígenas em pecuaristas e produtores rurais de sucesso. Olhar de modo cuidadoso para as modalidades de incorporação dos plantéis pelos povos originários sugere pensar em formas alternativas de interação com o gado e sua criação além das grandes narrativas do agronegócio, que se esforçam por apagar a diversidade do mundo rural no Brasil (PERROTA, 2020).

Talvez, afinal, nada disso seja muito diferente do que já queria o SPI desde o início do século XX, ou mesmo das políticas indigenistas anteriores, ainda no Brasil colonial e imperial, todas confiantes, de um modo ou de outro, de que a pecuária seria o mais eficiente mecanismo para a geração de renda e a autossustentação das comunidades originárias e, ao fim, para a desejada “civilização” dos indígenas. Um cuidadoso trabalho sobre as maneiras singulares de tratamento desses animais de rebanho exóticos nos mais diversos povos indígenas no Brasil e em países vizinhos pode sustentar que tais projetos civilizatórios falharam (e seguem falhando) precisamente porque não atentam

para as múltiplas modalidades singulares, nativas, de relação com esses seres, das quais os registros materiais, os objetos, podem nos dar abundantes testemunhos.

AGRADECIMENTOS

A reflexão que deu origem a este artigo apareceu publicamente pela primeira vez na conferência de abertura da IV Reunião Acadêmica do Neotropical Zooarchaeology Working Group – International Council for Archaeozoology (NZWG-ICAZ), na qual proferi remotamente em 27 de outubro de 2021. Uma versão mais acabada foi posteriormente apresentada em 27 abril de 2023, em evento organizado pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológica (NEPARQ) e pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em Recife. Agradeço à Caroline Borges pelos convites para debater meu trabalho em ambos os eventos e aos comentários de Suely Albuquerque de Luna e Jaima Guimarães Júnior. Agradeço também a atenção que Eduardo Bespalez e Gabriel Sanchez dedicaram ao texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, v. 5, n. 3, p. 271-379, 1949.
- ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.
- ANTHONY, David. *The Horse, the Wheel and Language: How Bronze-Age Riders from the Eurasian Steppes Shaped the Modern World*. Princeton (US): Princeton University Press, 2007.
- ARENAS, Marco Antonio; MARTÍNEZ, José Luís. Del camélido al caballo: alteridad, apropiación y resignificación en el arte rupestre andino colonial. In: ACTAS DEL VI CONGRESO CHILENO DE ANTROPOLOGÍA, 6., 2007, Valdivia (CL). Actas [...]. Valdivia (CL): Colegio de Antropólogos de Chile AG, 2007. t. 2, p. 2067-2076.
- AUGUSTAT, Claudia. Extinct?: Reflections on a Concept. In: AUGUSTAT, Claudia (ed.). *Beyond Brazil: Johann Natterer and the Ethnographic Collections from the Austrian Expedition to Brazil (1817-1835)*. Vienna (AT): Museum für Völkerkunde, 2013. p. 105-109.
- AZPIROZ, Andrés. De ‘salvajes’ a heroicos: la construcción de la voz y la imagen del ‘indio Charrúa’ desde 1830 a los inicios del siglo XX. *Almanack*, v. 16, p. 1-38, 2017. DOI: 10.1590/2236-463320171601.
- BARCELOS, Artur. *Espaço e arqueologia na missões jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BELTRÃO, Luiz. *O índio, um mito brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BENITES, Disolaina. *Jeguaka artesanato em expressão da cultura Guarani Kayowá*. 2019. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2019.
- BERTELLI, Antonio. *Os fatos e os acontecidos com a poderosa e soberana nação dos índios Cavaleiros Guaycurús no Pantanal do Mato Grosso, entre os anos de 1526 até o ano de 1986*. São Paulo: Uyara, 1987.
- BESPALEZ, Eduardo. “Era tudo nosso”: arqueologia do colonialismo e da resistência na terra indígena Lalima, Miranda/MS. *Albuquerque: Revista de História*, v. 9, n. 18, p. 110-132, 2017.
- BESPALEZ, Eduardo. *As formações territoriais na terra indígena Lalima, Miranda/MS: os significados históricos e culturais da fase Jacadigo da tradição Pantanal*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

- BIANCARDI, Emília; SPINOLA, Terezinha. *O som dos esquecidos: instrumentos musicais tradicionais indígenas: coleção Emilia Biancardi*. Salvador: Ideia no Papel, 2017.
- BRAGA, Márcia Dantas. *Projeto de conservação de sítios arqueológicos com pintura rupestre no alto sertão baiano*. 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- BRITO, Vanderley de. *Arqueologia da Borborema*. João Pessoa: JRC, 2008.
- CAMARGO DA SILVA, Telma (org.). *Ritxoko*. Goiânia: Cãnone, 2015.
- CAMPORA, Ana Lucia. *Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: ABRAMVET, 2017.
- CAPISTRANO DE ABREU, João. *Capítulos de história colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- CIVALLERO, Edgardo. *The Erkencho*. Madrid (ES): Edgardo Civallero, 2017.
- COELHO, Vera Penteadó. Alguns aspectos da cerâmica dos índios Waurá. In: HARTMANN, Thekla; COELHO, Vera Penteadó (org.). *Contribuições à antropologia em homenagem ao Professor Egon Schaden*. São Paulo: Fundo de Pesquisas do Museu Paulista-USP, 1981. p. 55-83.
- COOPER, John. The Patagonian and Pampean Hunters. In: STEWARD, Julian H. (ed.). *Handbook of South American Indians: Volume 1: The Marginal Tribes*. Washington, DC (US): Government Printing Office, 1946. p. 127-168.
- DABEZIES, Juan Martin; SUÁREZ, Carlos M.; BAÑOBRE, Cristina; DEL PUERTO, Laura; IROLDI, Facundo. Encierros ganaderos en la frontera colonial de la Banda Oriental: el caso de los corrales de palmas del sureste del Uruguay. *Latin American Antiquity*, v. 33, n. 2, p. 336-354, 2021. DOI: 10.1017/laq.2021.63.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1989 [1834]. t. 1.
- DELORT, Robert. Animais. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 57-67. v. 1.
- DELSOL, Nicolas. Disassembling Cattle and Enskilling Subjectivities: Butchering Techniques and the Emergence of New Colonial subjects in Santiago de Guatemala. *Journal of Social Archaeology*, v. 20, n. 2, p. 189-213, 2020.
- DIAMOND, Jared. *Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies*. New York: W. W. Norton and Company, 1999.
- DORNELLES, Soraia. *Os Kaingang e a colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX)*. Curitiba: CRV, 2021a.
- DORNELLES, Soraia. Registros de fundações, ereções e posses de vilas: um olhar sobre as vilas de índios do Maranhão. *SÆCULUM: Revista de História*, v. 26, n. 44, p. 308-327, 2021b.
- DURAN, Maria Raquel da Cruz. *O que nos ensinam os desenhos Ejiwajegi/Kadiwéu?* Campo Grande: Editora UFMS, 2021.
- DYE, David. Animal Pelt Caps and Mississippian Ritual Sodalities. *North American Archaeologist*, v. 38, n. 1, p. 63-97, 2017.

- ESSELIN, Paulo. *A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal Sul-Mato-Grossense (1830-1910)*. Dourados: Editora UFGD, 2011.
- ESSELIN, Paulo. Tensões Brasil-Paraguai: o gado bovino mato-grossense e a guerra de 1865-1870. In: MAESTRI, Mario; QUEVEDO DOS SANTOS, Júlio Ricardo; ESSELIN, Paulo (org.). *Peões, vaqueiros e cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2010. p. 13-43. v. 3.
- EWERS, John. *The Horse in Blackfoot Indian culture*. Washington, DC (US): Smithsonian Institution Press, 1985.
- FARACO, Julia. *Bichinhos Guaraní: de artesanato a objeto*. 2015. Monografia de Graduação (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- FARAGE, Nádia; SANTILLI, Paulo. Estado de sítio: territórios e identidades no Vale do Rio Branco. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP: SMC: Companhia das Letras, 1992. p. 267-278.
- FORTIS, Paolo. Artefacts and Bodies among Kuna People from Panamá. In: HALLAM, Elizabeth; INGOLD, Tim (ed.). *Making and Growing: Anthropological Studies of Organisms and Artefacts*. Surrey and Burlington: Ashgate, 2014. p. 89-106.
- FRANÇOZO, Mariana. Global Connections: Johan Maurits of Nassau-Siegen's Collection of Curiosities. In: VAN GROESEN, Michiel (ed.). *The Legacy of Dutch Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 105-123.
- FREITAS, Ana Elisa de Castro. Garra de jaguar, botão de camisa, cartucho de bala: um olhar sobre arte, poder, prestígio e xamanismo na cultura material Kaingang. *Mediações*, v. 19, n. 2, p. 62-83, 2014.
- FUNAI. Avá-Canoeiro. *Revista Brasil Indígena*, v. 1, n. 3, p. 1-8, 2001.
- GALVÃO, Eduardo. O cavalo na América indígena: nota prévia a um estudo de mudança cultural. *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*, v. 14, p. 221-232, 1963.
- GANSON, Barbara. *The Guaraní under Spanish Rule in the Río de la Plata*. Stanford (US): Stanford University Press, 2003.
- GATTIBONI, Luiza Maria Krieger. Inventário do povo de São Miguel. In: NASCIMENTO, Anna Olívia do Nascimento; OLIVEIRA, Maria Ivone de Ávila (org.). *Bens e riquezas das missões*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008. p. 100-112.
- GELL, Alfred. *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford (GB): Oxford University Press, 1998.
- GOBIERNO REGIONAL DE CUSCO. *Diccionario quechua-español-quechua*. Cusco (PE): Gobierno Regional de Cusco; Academia Mayor de la Lengua Quechua, 2005.
- GOULARD, Jean-Pierre; KARADIMAS, Dimitri (ed.). *Masques des hommes, visages des dieux: regards d'Amazonie*. Paris (FR): CNRS, 2011.
- HARRIS, Susanna; VELDMEIJER, André (ed.). *Why Leather?: The Material and Cultural Dimensions of Leather*. Leiden (NL): Sidestone, 2014.
- HERBERTS, Ana Lucia. *Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998.
- HILBERT, Klaus. Como as pessoas e as coisas se fazem entender. In: AGUIAR, Rodrigo Simas de; OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi (org.). *Arqueologia, etnologia e etno-história*

- em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação*. Dourados: Editora UFGD, 2010. p. 11-39.
- HOFMAN, Corinne; KEEHNEN, Floris (ed.). *Material Encounters and Indigenous Transformations in the Early Colonial Americas: Archaeological Case Studies*. Leiden (NL): Brill, 2019.
- IRIARTE, José; ZIEGLES, Michael; OUTRAM, Alan; ROBINSON, Mark; ROBERTS, Patrick; ACEITUNO, Francisco; MORCOTE-RÍOS, Gaspar; KEESEY, T. Michael. Ice Age Megafauna Rock Art in the Colombian Amazon? *Philosophical Transactions of The Royal Society B*, v. 377, e20200496, 2022.
- IZIKOWITZ, Karl-Gustav. Musical and Other Sound Instruments of the South American Indians: A Comparative Ethnographical Study. In: *Vetenskaps- och Vitterhets-Samhälles Handlingar*. Göteborg (SE): Göteborgs Kungl, 1935. v. 12.
- JAEGER, Luís G., S.J. Pesquisas históricas em Lavras do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisas – IAP*, v. 2, p. 3-19, 1958.
- KASHIMOTO, Emília Mariko; MARTINS, Gilson. *Catálogo de artefatos cerâmicos arqueológicos de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2019.
- LANDON, David B. Zooarchaeology and Historical Archaeology: Progress and Prospects. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 12, n.1, p. 1-36, 2005. DOI: 10.1007/s10816-005-2395-7.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford (GB): Oxford University Press, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude; BELMONT, Nicole. Marques de propriété dans deux tribus sud-américaines. *L'Homme*, v. 3, n.3, p. 102-108, 1963.
- LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). *Anais do Museu Paulista (Nova Série)*, n. 1, p. 225-262, 1993.
- MACÊDO, Silvia Lopes. *Encantamento do boi e reis encantados: xamanismo e identidade étnica entre os índios Kiriri do sertão baiano*. 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- MENDEZ, Patricia María. Los tejidos indígenas en la Patagonia argentina: cuatro siglos de comercio textil. *Indiana*, v. 26, p. 233-265, 2009.
- MÉTRAUX, Alfred. *A civilização material das tribos Tupi-Guarani*. Campo Grande: Alvorada, 2012.
- MILLER, Joana. *As coisas: os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2018.
- MONTARDO, Deise L. Oliveira. *Através do mbaraka: música, dança e xamanismo Guarani*. São Paulo: Edusp, 2009.
- NATTERER, Johann. Bororo Wordlists and Ethnographic Notes. Edição Christian Feest. *Archiv Weltmuseum Wien*, v. 63-64, p. 198-219, 2014.
- NETZ, Reviel. *Barbed Wire: An Ecology of Modernity*. Middletown (US): Wesleyan University Press, 2004.

- OLIVEIRA, Maria I. de Ávila. Inventário do povo de Santo Ângelo. In: NASCIMENTO, Anna Olívia do Nascimento; OLIVEIRA, Maria Ivone de Ávila (org.), *Bens e riquezas das missões*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008. p. 126-138.
- OLIVEIRA, Osvaldo. Os protagonistas da história dos Campos Neutrais. *Biblos*, v. 1, n. 1, p. 69-80, 2010.
- OLIVEIRA, Osvaldo; TEIXEIRA, Claudia A. R. Os currais de palmas em Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil. *Biblos*, v. 19, p. 61-73, 2006.
- OLIVEIRA, Osvaldo; TEIXEIRA, Claudia A. R.; ROCHA, Nestor. O palmar de Tiburcio e os currais de palmas. *Biblos*, v. 23, n. 1, p. 101-112, 2009.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. *Amazônia caribenha colonial: a história do gado em Roraima e a pluriétnica sociedade na savana interiorana*. Curitiba: CRV, 2023.
- PAES, Dayana Araújo. *Vovó barro (ko'ko Non): cerâmica macuxi em terras de Makunaimi, Roraima*. 2022. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2022.
- PALERMO, Miguel Angel. Reflexiones sobre el llamado ‘complejo ecuestre’ en la Argentina. *Runa*, v. 16, p. 157-178, 1986.
- PALONKA, Radosław; SCHAAFSMA, Polly; MacMILLAN, Vincent; ŚLABOŃSKI, Robert; MICYK, Paweł. Digital Documentation and Analysis of Native American Rock Art and Euro-American Historical Inscriptions from the Canyons of the Ancients National Monument, Colorado. *Antiquity*, v. 97, n. 393, e17, 2023. DOI: 10.15184/aqy.2023.48.
- PANICH, Lee. Indigenous vaqueros in colonial California: labor, identity, and autonomy. In: CIPOLLA, Craig (ed.). *Foreign Objects: Rethinking Indigenous Consumption in American Archaeology*. Tucson (US): The University of Arizona Press, 2017. p. 187-203.
- PARELLADA, Claudia. *Relatório final do estudo arqueológico das linhas de transmissão em 230 kV entre Bateias e Jaguaraiá, Paraná*. Curitiba: Museu Paranaense, 2004.
- PEREIRA, Levi Marques. *Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado*. Dourados: Editora UFGD, 2016.
- PEREIRA DA SILVA, Alfredo. *Pastoreio do futuro: projeto de sustentabilidade para a Terra Indígena São Marcos, Roraima*. 2012. Trabalho de Conclusão (Mestrado Profissional) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- PERROTA, Ana Paula. O mercado do ‘boi gordo’: modernizando técnicas, gado e gente. *Estudos de Sociologia*, v. 25, n. 49, p. 173-196, 2020.
- PICON, François-René. Le Cheval dans le Nouveau Monde. *Études rurales*, n. 151/152, p. 51-75, 1999.
- PIMENTEL DOS SANTOS, Tiara. *A estância de São Borja: a pecuária de um povo de índios missionários*. Passo Fundo: Acervus, 2022.
- PINA DE BARROS, Edir. *Os filhos do sol: história e cosmologia na organização social de um povo Karib: os Kurâ-Bakairi*. São Paulo: Edusp, 2003.
- PINTO, Estevão. *Etnologia brasileira: Fulniô, os últimos Tapuias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos índios Cavaleiros ou da nação Guaycurú. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, v.1, n.1, p. 21-44, 1839.

- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PRESTES-CARNEIRO, Gabriela; BARBOZA, Roberta S. Leitão; BARBOZA, Myriam S. Leitão; MORAES, Claide; BÉAREZ, Philippe. Waterscapes Domestication: An Alternative Approach for Interactions Among Humans, Animals, and Aquatic Environments in Amazonia Across Time. *Animal Frontiers*, v. 11, n. 3, p. 92-103, 2021.
- PROFESSORES E PROFESSORAS INDÍGENAS EM PERNAMBUCO. *Meu povo conta*. Belo Horizonte: FALF-UFMG; CCLF, 2006.
- PROFESSORES E PROFESSORAS KAPINAWÁ. *Kapinawá: território, memórias e saberes*. Olinda: CCLF, 2016.
- QUEIROZ, Alérico Nogueira de; CARVALHO, Olivia Alexandre de; SANTOS, Simone Menezes. Brazilian Historical Zooarchaeology: A Summarized Iberian Contribution and a Case Study of Domesticated Bovine Cattle Introduced in Southern Region. *Palaeoindian Archaeology*, v. 2, p. 7-18, 2020.
- RIBEIRO, Berta. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, Pedro A. Mentz. Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil. *Biblos*, v. 7, p. 9-87, 1995.
- RIBEIRO, Pedro A. Mentz. O Tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a influência missioneira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISISONEIROS, 5., 1985, Santa Rosa. *Anais [...]*. Santa Rosa: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras d. Bosco, 1985, p. 188-206.
- RONDON, Cândido Mariano da Silva. Índios do Brasil das cabeceiras do rio Xingú, rio Araguaia e Oiapóque. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios: Ministério da Agricultura, 1953. v. 2. (Publicações da Comissão Rondon, 98).
- RUSSELL, Nerissa. *Social Zooarchaeology: Humans and Animals in Prehistory*. Cambridge (GB): Cambridge University Press, 2012.
- SABERES Terena na exposição “Resistência Já!” [S. l.: s. n.], 8 nov. 2022. 1 vídeo (78 min). Publicado pelo canal MAE-USP. Disponível em: http://https://www.youtube.com/watch?v=HawIcFEgLGm&ab_channel=MAE-USP. Acesso em: 4 maio. 2023.
- SANTOS, Jeaniny Silva dos. Patrimônio cultural de São Miguel das Missões: um espaço de experiências educativas (1983-1992). *Aedos*, v. 13, n. 30, p. 252-265, 2022.
- SANTOS-GRANERO, Fernando (ed.). *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson (US): University of Arizona Press, 2009.
- SARREAL, Julia. *The Guaraní and Their Missions: A Socioeconomic History*. Stanford (US): Stanford University Press, 2014.
- SCHINDLER, Helmut. Plumas como enfeites da moda. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v. 8 (suplemento), p. 1089-1108, 2001.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Arqueologia em Mato Grosso do Sul: dois projetos, dois resultados. *Fronteiras: Revista de História da UFMS*, v. 2, n. 4, p. 203-222, 1998.
- SEVERI, Carlo; LAGROU, Els (org.). *Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

- SILLIMAN, Stephen. Culture Contact or Colonialism?: Challenges in the Archaeology of Native North America. *American Antiquity*, v.70, n. 1, p. 55-74, 2005.
- SIQUEIRA JR, Jaime. *Arte e técnicas Kadiwéu*. São Paulo: SMC, 1992.
- SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal; Conselho Editorial, 2010.
- SPENASSATTO, Josiéli; PARELLADA, Cláudia; VANDER VELDEN, Felipe. A tropa de cera de Vitorino: os Kanhgág no Paraná nas rotas de cavalos e bois. [S. l.: s. n.], 2023. No prelo.
- STAHL, Peter. Animal Domestication in South America. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William (ed.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008. p. 121-130.
- TAYLOR, William T. Treal *et al.* Early Dispersal of Domestic Horses into the Great Plains and Northern Rockies. *Science*, n. 379, p. 1316-1323, 2023.
- URBINA, Fernando; PEÑA, Jorge. Perros de guerra, caballos, vacunos y otros temas en el arte rupestre de la Serranía de La Lindosa (río Guayabero, Guaviare, Colombia): una conversación. *Ensayos: Historia y Teoría del Arte*, v. 20, n. 31, p. 7-37, 2016.
- VAN DE LOGT, Mark. *Monsters of Contact: Historical Trauma in Caddoan Oral Traditions*. Norman (US): University of Oklahoma Press, 2018.
- VANDER VELDEN, Felipe. A Tapuya Equestrian Nation?: Horses and Native Peoples in the Backlands of Colonial Brazil. In: BIBBY, Miriam; SCOTT, Brian (ed.). *The Materiality of the Horse*. Budapest (HU): Trivent, 2020a. p. 71-106.
- VANDER VELDEN, Felipe. As vespas que caçam com seus dentes: artefatos multiespécies, ritual e relações entre humanos e não humanos entre os Karitiana (Rondônia). *Mana*, v. 28, e282200, 2022.
- VANDER VELDEN, Felipe. Exotic Materials, Native Artifacts: Exploring Objects in the Encounter Between Amerindian Peoples and Old World Animals. *Indiana*, v. 37, p. 97-120, 2020b.
- VANDER VELDEN, Felipe. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda, 2012.
- VANDER VELDEN, Felipe. O que anunciam os chifres dos bois? Artefatos multiespecíficos na expansão da pecuária no Brasil. *Anthropologicas*, v. 31, p. 67-104, 2020c.
- VANDER VELDEN, Felipe. Quando o peão é um índio: trabalhadores indígenas da pecuária na história do Brasil. In: FÓRUM INTERNACIONAL INDÍGENAS NA HISTÓRIA, 1., 2021, São Luís. *Anais eletrônicos* [...]. São Luís: UFMA, 2021. Disponível em: <https://www.forumindigenasnahistoria.sinteseeventos.com.br/site/anais2#F>. Acesso em: 7 ago. 2023.
- VANDER VELDEN, Felipe. Rebanhos em aldeias: investigando a introdução de animais domesticados e formas de criação animal em povos indígenas na Amazônia (Rondônia)". *Espaço Ameríndio*, v. 5, p. 129-158, 2011.
- VIEIRA, Ana Carolina; CURY, Marília Xavier (org.). *Culturas indígenas no Brasil e a Coleção Harald Schultz*. São Paulo: SESC Edições, 2021.
- VIEIRA, Jaci. *Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2007.
- VIERTLER, Renate. A vaca louca: tendências do processo de mudança sociocultural entre os Bororo-MT. *Revista de Antropologia*, v. 33, p. 19-32, 1990.

- WEISMANTTEL, Mary. Inhuman Eyes: Looking at Chavín de Huantar. In: WATTS, Christopher (ed.). *Relational Archaeologies: Humans, Animals, Things*. London: Routledge, 2013. p. 21-41.
- WERMELINGER GUIMARÃES, Viviane; CURY, Marília Xavier; CARNEIRO, Carla Gibertoni; SILVA, Maurício André da (ed.). *Kaingang, Guaraní Nhandewa e Terena: resistência já! fortalecimento e união das culturas indígenas*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2017.
- WILCOX, Robert. *Cattle in the Backlands: Mato Grosso and the Evolution of Ranching in the Brazilian Tropics*. Austin (US): University of Texas Press, 2017.
- ZERRIES, Otto. Les Religions des peuples archaïques de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: KRICKEBERG, Walter; TRIMBORN, Hermann; MÜLLER, Werner; ZERRIES, Otto. *Les Religions amérindiennes*. Paris (FR): Payot, 1962. p. 327-465.